

**7ª Jornada de Iniciação Científica
Fundação Casa de Rui Barbosa**

Agosto de 2012

Programação e Resumos

ÍNDICE

Programa	3
Resumos	6
“O léxico e suas interfaces: a importância dos dicionários e vocabulários	6
Amanda Silva de Oliveira (Letras/UERJ)	
Orientadora: Ivette Maria Savelli	
“Estudo dos novos vocábulos que integrarão o Vocabulário do Português Medieval (VPM)”	8
Marcelle Veridiano Candido de Souza (Letras/UERJ)	
Orientadora: Ivette Maria Savelli	
“Corina Coaraci - uma escrita de homem?	10
Gabriel Ferreira de Andrade (Letras/UFRJ)	
Orientadora: Eliane Vasconcellos	
“Edição em livro da série <i>Cultura Brasileira: hoje</i> ”	12
Rachel Dias de Mattos (Letras/Universidade Estácio de Sá)	
Orientadora: Tânia Dias	
“ <i>HELENA</i> , um romance em que as personagens prenunciam Capitu”	14
Karen Nascimento de Souza (Letras/UFRJ)	
Orientadora: Marta de Senna	
“Aproximação”	16
Laíza Stéfane Verçosa do Nascimento (Letras/UFRJ)	
Orientadora: Marta de Senna	
“Uma introdução a <i>Histórias da meia-noite</i> ”	18
Mariana Magalhães Viana de Barros (Letras/PUC-RJ)	
Orientadora: Marta de Senna	
“Artur Azevedo: As reformas urbanas em cena”	20
Camila Campoi de Sobral (História/UERJ)	
Orientador: Antonio Herculano Lopes	
“A sensibilidade de Artur Azevedo sobre as relações de gênero - Uma análise fundamentada na peça “O Dote” e no monólogo “Reflexões de um Marido”	22
Suelyn da Silva Goulart (História/UFF)	
Orientador: Antonio Herculano Lopes	
“Redes sociais de amparo ao movimento abolicionista radical (1883-1885)”	25
Hendie Tavares Teixeira (História/UERJ)	
Orientador: Eduardo Silva	

“Economia Criativa: da discussão conceitual às proposições do Plano da Secretaria de Economia Criativa”	27
Guilherme Lopes do Nascimento (Produção Cultural/UFF)	
Orientador: Maurício Siqueira	
“ <i>“Inconstitucional, inexecutável e altamente prejudicial à cultura brasileira”</i> . Os intelectuais do CFC escrevem à Censura oficial do regime militar”	29
Rafael Pereira da Silva Mendes (História/UFRJ)	
Orientadora: Lia Calabre	
“Discussões no Conselho: da Cultura de Estado à Cultura de Mercado”	31
Renata Cristina Duarte dos Santos (História/UERJ)	
Orientadora: Lia Calabre	
“Discurso médico e transformação da paisagem no vale de Botafogo”	33
Bruno Azambuja Araújo ((História/UFRJ)	
Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos	
“Reflexos da Evolução de Botafogo na Casa de Rui Barbosa”	35
Cíntia Silva de Brito (Arquitetura/UFRJ)	
Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos	
“Os Oliveira Castro e os Pontes Câmara: as conexões nos arquivos pessoais”	37
João Gabriel do Nascimento (História/UERJ)	
Orientadora: Lúcia Maria Velloso de Oliveira	
“Novos pontos de acesso através da tipologia documental”	39
Patrícia Ladeira Penna (Arquivologia/UFF)	
Orientadora: Lúcia Maria Velloso de Oliveira	
“A Fotografia no Arquivo Pessoal de Américo Jacobina Lacombe”	41
Vanina dos Reis Araujo (Arquivologia/UFF)	
Orientadora: Leila Estephano de Moura	

PROGRAMA

7ª Jornada de Iniciação Científica da FCRB agosto de 2012

Abertura - 9h30

Palavras da Diretora do Centro de Pesquisa, Christiane Laidler, e da Coordenadora do Programa de Iniciação Científica, Ivana Stolze Lima.

Mesa de Letras - 10h às 11h10

Avaliador externo: Frederico Augusto Liberalli de Góes (UFRJ)

Moderadora: Laura do Carmo (Setor Ruiano)

10h

“O léxico e suas interfaces: a importância dos dicionários e vocabulários”

Amanda Silva de Oliveira (Letras/UERJ)

Orientadora: Ivette Maria Savelli

10h10

“Estudo dos novos vocábulos que integrarão o Vocabulário do Português Medieval (VPM)”

Marcelle Veridiano Candido de Souza (Letras/UERJ)

Orientadora: Ivette Maria Savelli

10h20

“Corina Coaraci - uma escrita de homem?”

Gabriel Ferreira de Andrade (Letras/UFRJ)

Orientadora: Eliane Vasconcellos

10h30

“Edição em livro da série *Cultura Brasileira: hoje*”

Rachel Dias de Mattos (Letras/Universidade Estácio de Sá)

Orientadora: Tânia Dias

10h40

“*HELENA*, um romance em que as personagens prenunciam Capitu”

Karen Nascimento de Souza (Letras/UFRJ)

Orientadora: Marta de Senna

10h50

“Aproximação”

Laíza Stéfane Verçosa do Nascimento (Letras/UFRJ)

Orientadora: Marta de Senna

11h

“Uma introdução a *Histórias da meia-noite*”

Mariana Magalhães Viana de Barros (Letras/PUC-RJ)

Orientadora: Marta de Senna

Mesa de História – 11h50 às 12h50

Avaliadora externa: Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (UERJ)

Moderadora: Ivana Stolze Lima (Setor de História)

11h50

“Artur Azevedo: As reformas urbanas em cena”

Camila Campos de Sobral (História/UERJ)

Orientador: Antonio Herculano Lopes

12h

“A sensibilidade de Artur Azevedo sobre as relações de gênero - Uma análise fundamentada na peça “O Dote” e no monólogo “Reflexões de um Marido”

Suelyn da Silva Goulart (História/UFF)

Orientador: Antonio Herculano Lopes

12h10

“Redes sociais de amparo ao movimento abolicionista radical (1883-1885)”

Hendie Tavares Teixeira (História/UERJ)

Orientador: Eduardo Silva

Mesa de Políticas Culturais – 14h30 às 15h30

Avaliador externo: Paulo Knauss de Mendonça (UFF e Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro)

Moderadora: Marta de Senna (Setor Ruiano)

14h30

“Economia Criativa: da discussão conceitual às proposições do Plano da Secretaria de Economia Criativa”

Guilherme Lopes do Nascimento (Produção Cultural/UFF)

Orientador: Maurício Siqueira

14h40

“*“Inconstitucional, inexequível e altamente prejudicial à cultura brasileira”*. Os intelectuais do CFC escrevem à Censura oficial do regime militar”

Rafael Pereira da Silva Mendes (História/UFRJ)

Orientadora: Lia Calabre

14h50

“Discussões no Conselho: da Cultura de Estado à Cultura de Mercado”

Renata Cristina Duarte dos Santos (História/UERJ)

Orientadora: Lia Calabre

Mesa do Centro de Memória e Informação – 15h30 às 16h50

Avaliador externo: Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (UERJ)

Moderador: Eliane Vasconcellos (Arquivo Museu de Literatura Brasileira)

15h30

“Discurso médico e transformação da paisagem no vale de Botafogo”

Bruno Azambuja Araújo ((História/UFRJ)

Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos

15h40

“Reflexos da Evolução de Botafogo na Casa de Rui Barbosa”

Cíntia Silva de Brito (Arquitetura/UFRJ)

Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos

15h50

“Os Oliveira Castro e os Pontes Câmara: as conexões nos arquivos pessoais”

João Gabriel do Nascimento (História/UERJ)

Orientadora: Lúcia Maria Velloso de Oliveira

16h

“Novos pontos de acesso através da tipologia documental”

Patrícia Ladeira Penna (Arquivologia/UFF)

Orientadora: Lúcia Maria Velloso de Oliveira

16h10

“A Fotografia no Arquivo Pessoal de Américo Jacobina Lacombe”

Vanina dos Reis Araujo (Arquivologia/UFF)

Orientadora: Leila Estephania de Moura

16h20 – Comentários do avaliador externo

16h50 - Palestra de encerramento: “Linguagens e culturas: percursos e extravios”

Marcelo Diego Rocha Lima

O léxico e suas interfaces: a importância dos dicionários e vocabulários

Bolsista: Amanda Silva de Oliveira

Orientador: Ivette Maria Savelli Sanches do Couto

Projeto: Vocabulário histórico-cronológico do português medieval (VPM)

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Setor de Filologia

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Introdução

A inspiração para realizar este trabalho surgiu a partir de uma aula que assisti na UERJ, na disciplina eletiva de Léxico e Semântica, quando foi apresentado o trabalho “Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga Rota dos Tropeiros” pela professora Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno. Para explicar sua pesquisa, ela fez uma explanação bastante elucidativa sobre léxico e as ciências que estão envolvidas no seu estudo. E, a partir do ponto em que foi falado sobre lexicografia, que é a ciência de fazer dicionários, surgiu a ideia e a vontade de estudar com mais afinco as disciplinas que integram as ciências do léxico (principalmente a lexicologia e a lexicografia) e consequentemente mostrar a importância da elaboração de dicionários especializados, sobretudo de vocabulários como o VPM, que é o objeto do meu estudo.

Objetivo do estudo

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância dos estudos do léxico da língua Portuguesa e a relevância de se elaborar dicionários e vocabulários, além de contar um pouco da história do VPM.

Metodologia

Para iniciar este trabalho, em um primeiro momento, selecionei textos que me ajudassem a entender de maneira mais aprofundada o conceito de léxico, os questionamentos que levaram ao surgimento dos estudos do léxico, as ciências que estão relacionadas a esse estudo (lexicologia e lexicografia) e como e por que surgiram os dicionários e vocabulários, para, enfim, relacionar esse último assunto com a elaboração do VPM.

Conclusão

Ao elaborar esse estudo, percebi a importância de se ter dicionários especializados e vocabulários, como é o caso do VPM, que prestam grande contribuição, aos estudiosos e/ou

curiosos, para o conhecimento da evolução histórica que aconteceu no léxico do português, desde o latim vulgar até nossos dias.

Referências bibliográficas

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. 1 CD-ROM.

DAL CORNO, Giselle O. Mantovani. Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga Rota dos Tropeiros. In: IX Encontro de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL. Palhoça, SC: outubro de 2010. Anais... Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Giselle%20Dal%20Corno.pdf>

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; IZQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. I. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998.

Estudo dos novos vocábulos que integrarão o VPM

Bolsista: Marcelle Veridiano Candido de Souza

Orientadora: Ivette Maria Savelli Sanches do Couto

Projeto: Vocabulário histórico-cronológico do português medieval (VPM)

Instituição: Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Setor de Filologia

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Introdução

Dentre as diversas fases pelas quais passou o projeto do *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval* (VPM), a atual está tendo uma repercussão diferente, uma vez que estamos pleiteando a possibilidade de trabalharmos no banco de dados do vocabulário. Trata-se da revisão de algumas de suas abonações, que já haviam sido separadas para serem corrigidas antes, e da possível inclusão, no vocabulário, de novas palavras que foram encontradas nessas abonações e que ainda não faziam parte do VPM.

Objetivos do projeto

Revisar algumas abonações e emendas do VPM e selecionar, para incluir no vocabulário, aproveitando abonações já existentes, novas palavras (ainda não contempladas no VPM) e novas abonações (de palavras já existentes), desde que, neste último caso, a palavra não tivesse sido relacionada na obra correspondente a essas abonações.

Metodologia

Para iniciar este estudo, separamos as emendas das abonações em três categorias: "fazer correções", "incluir forma" e "incluir abonação". Primeiramente tiramos cópias de todas as fichas que continham emendas a serem corrigidas, para que as originais fossem preservadas, separando-as em ordem alfabética pela entrada, para que facilitasse nosso trabalho no momento de realizar as correções no banco de dados do VPM. Paralelamente, separamos as fichas que continham correções a serem feitas e que possuíam em suas abonações palavras com a marcação de "incluir abonação" e selecionamos, dentre essas palavras, apenas os nomes (substantivos/adjetivos), de modo que essas novas abonações servissem para a entrada de palavras ainda não existentes na obra citada na ficha. A partir daí, fizemos uma listagem de todas as novas entradas que passariam a fazer parte do acervo (incluir forma) e também daquelas abonações que também seriam inseridas em entradas já existentes no vocabulário e cuja obra ainda não havia sido contemplada (incluir abonação).

Conclusão

O trabalho de revisão de algumas entradas do VPM e da possível inclusão de outras tem sido muito proveitoso, pois, dessa maneira, além de o vocabulário ser corrigido em falhas existentes, ele também estará se mantendo atualizado.

Referências Bibliográficas

AULETE digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Ed. Digital. Disponível em: www.auletedigital.com.br.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. 1 CD-ROM.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.

Corina Coaraci – uma escrita de homem?

Bolsista: Gabriel Ferreira de Andrade

Orientadora: Eliane Leitão Vasconcellos

Projeto: Corina Coaraci – uma antologia anotada

Área / Instituição: Letras: Português/Espanhol - Universidade Federal Fluminense

Unidade / Setor: Academia-Museu de Literatura Brasileira (AMLB)

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Introdução

Não se pode refutar o fato de que a escrita de autoria feminina foi vista durante longevos anos como uma produção de categoria menor e inferior, reprodutora das “futilidades” da vida de mulher, submissa, subjugada, subserviente ao seu homem, delegada aos afazeres do lar, tendo seu fazer escrito vinculado a um caráter puramente bobo, espécie do ser que só sabe redigir sobre afetos e sentimentos, inerte em uma posição de cunho não crítico e reflexivo.

A ascensão de autores masculinos, principalmente no período em que se encontra a produção de Corina Coaraci, fins do século XIX, contribui para a assertiva acima apresentada. Escritores como Machado de Assis, Aluísio Azevedo, José de Alencar e outros reforçam o quadro de uma literatura pouco abrangente às mulheres.

Contudo, o fazer escrito de Corina Coaraci, efervescente em fins do século XIX no Brasil, confirma a capacidade crítica e analítica da mulher, que, com propriedade no uso da linguagem e na elaboração do discurso, constrói o panorama da sociedade brasileira de seu tempo. Cabe, então, à produção de Corina Coaraci a designação de uma escrita aparentemente considerada de nível e teor masculino?

Objetivos do projeto

O projeto Corina Coaraci: uma antologia anotada tem por objetivo o estabelecimento de um texto crítico, anotado, das crônicas deixadas pela autora em publicações em jornais do final do século XIX (entre os anos de 1875 e 1892).

O conhecimento da obra da escritora renova o quadro de escritores literários brasileiros do século XIX, tão notadamente prevalecente de figuras do sexo masculino, proporcionando uma nova percepção em torno da literatura de autoria feminina no Brasil.

Metodologia

A preparação e o estabelecimento de um texto crítico obedecem aos critérios da crítica textual, para que se possa transmitir ao leitor um texto fidedigno e genuíno. Este trabalho não pretende apenas publicar os textos de Corina Coaraci, mas prepará-los, para que reflitam, realmente, a vontade da autora.

Conclusões

A pesquisa em torno da cronista Corina Coaraci tem permitido não apenas uma necessidade de preocupação da crítica textual em fornecer uma publicação fidedigna à vontade autoral, mas também reflete sobre os caracteres que fundamentam sua escrita e que colaboram na construção de uma crônica crítico-reflexiva atenta ao cotidiano social do Brasil de fins do século XIX.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antônio. “O direito à literatura”. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.
- COARACY, Vivaldo. *Todos contam sua vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- HANSEN, João Adolfo. “Autor”; TELLES, Norma “Autor+a”. In: JOBIM, José Luís (org.). *Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago ed., 1992, p. 11-44; 45-64.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “A roupa de Rachel – um estudo sem importância”. In: *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. N. 7. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2010, p. 67-80.
- LAURETIS, Teresa de. “A Tecnologia do Gênero”. Trad. Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- SOUZA, J. Galante de. *O Teatro no Brasil*. Tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do livro, 1960.
- WELLEK, René & WARREN, Austin. A ordenação e a fixação dos testemunhos. In: *Teoria da literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Edição em livro da série *Cultura Brasileira: hoje*

Bolsista: Rachel Dias de Mattos

Orientadora: Tânia Dias

Projeto: Edição em livro da série *Cultura Brasileira: hoje*

Área / Instituição: Letras, Universidade Estácio de Sá

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

A série *Cultura Brasileira: Hoje*, um evento realizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa nos anos de 2004 e 2005, reunia mensalmente duplas de intelectuais/artistas de diversas áreas. Durante os encontros cada um dos convidados dava um depoimento, destacando os pontos principais de sua obra. Terminado o depoimento, eles eram entrevistados por críticos ligados a sua própria área de trabalho.

Estes depoimentos foram gravados para o acervo da instituição. O projeto de Iniciação Científica a que estou filiada tem como objetivo editar em livro esses depoimentos, de modo a facilitar o acesso aos registros e a incentivar o seu estudo por aqueles que se interessam pela cultura que se faz hoje no país.

Os temas abordados nos encontros são muito variados e eruditos, já que os artistas/intelectuais eram ligados a diversas áreas como, por exemplo, artes plásticas, cinema, teatro, literatura e música. Ocupei-me durante a pesquisa a elucidar citações, nomes de filmes, de livros, de poemas, de personagens, livros citados nos eventos, tipos de exposições, museus mencionados por entrevistados e debatedores. As fontes de minha pesquisa foram bastante variadas: vão desde *sites* seguros da internet, consulta de livros, até visita a museus, exposições, a ver um filme citado etc. Os assuntos abordados nos encontros nem sempre fazem parte do meu repertório cultural e acadêmico; sendo assim, essa pesquisa ampliou meu conhecimento no campo das artes e também no campo da crítica.

Com os encontros já devidamente transcritos, passei a cotejar dúvidas e iniciar o processo de elaboração de notas. Terminado este processo, os depoimentos são submetidos aos entrevistados para a aprovação e posterior edição (processo em andamento). Tive a oportunidade de fazer contato direto com os participantes dos encontros para tirar algumas dúvidas que persistiram mesmo após as revisões feitas por mim e pelas orientadoras do projeto.

Durante os depoimentos, os artistas fazem considerações acerca de suas obras, como por exemplo, o que elas representaram para eles, em que momento da vida compuseram uma

música, escreveram um livro ou um roteiro de filme, pintaram uma tela, dirigiram determinado espetáculo e também o que os motivou a desenvolver tal obra.

Após dois anos de participação nesse importante projeto de pesquisa sinto-me mais familiarizada com a metodologia e desenvolvimento de uma pesquisa. O "Cultura brasileira hoje" foi fundamental para instigar o meu interesse pela pesquisa, e pela produção cultural contemporânea.

Observação:

Dada a natureza do trabalho desenvolvido, não há bibliografia a apresentar.

HELENA, um romance em que as personagens prenunciam Capitu

Bolsista: Karen Nascimento de Souza

Orientadora: Marta de Senna

Projeto: "Machado de Assis: modo de usar"

Área /Instituição: Letras / UFRJ

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Setor Ruiano

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Na introdução de *Helena* da editora Ática, Ana Maria de Almeida afirma que nessa obra, Machado irá "desenvolver um tema muito explorado pelos escritores românticos: a obsessão pelo amor impossível ou sacrílego, tornado proibido por leis morais e sociais, que só se resolve na renúncia total à felicidade ou na morte". À primeira vista, pode parecer se tratar de um romance que apenas narra a impossibilidade da realização amorosa de dois jovens que acreditam ser irmãos. No entanto, pretendo ir além: *Helena* é algo muito mais abrangente. Proponho que neste romance Machado está mais preocupado em denunciar um aspecto muito visível da sociedade elitista do século XIX brasileiro. Trata-se de um romance que revela, entre muitas outras coisas, a falta de alternativa de uma jovem pobre (nesse caso, metonímia para as mulheres do século XIX de um modo geral), que almeja ascender social e economicamente.

A história se passa no ano de 1850, primeira década do Segundo Reinado. O narrador explicita veementemente as datas, permitindo que o leitor de hoje se situe no tempo narrado, o que contribui para a verossimilhança da história. O espaço físico é a cidade do Rio de Janeiro, mais propriamente, o bairro do Andaraí. Após perder o pai, Estácio descobre que tem uma irmã bastarda, Helena. Esta, por decisão do pai (lavrada em testamento), se vê na contingência de ir residir na mesma casa em que moram Estácio e uma tia. Porém, após algumas pistas deixadas pelo narrador, o leitor conclui que esse laço sanguíneo é falso. No fim do texto isso se confirma, e todo o mistério é revelado: Helena não é irmã de Estácio. Ambos sentem um pelo outro uma atração, ou quem sabe, até mesmo paixão; mas, de qualquer modo, mesmo sabendo-se que não são irmãos, não seria permitido a Helena casar-se com Estácio, porque a sociedade jamais aceitaria a união de uma jovem pobre, de origem humilde, que até então se passara por irmã, com um homem rico, pertencente à classe dominante. Helena sabe a verdade sobre sua origem e, no entanto, jamais a revela. Isto poderia levar o leitor a concluir que se trata de uma personagem desprovida de escrúpulos. De fato, não é isto o que ocorre. Helena

sabe que vive numa sociedade em que, se revelasse sua real condição, perderia a chance de ascender.

Meu objetivo principal neste trabalho não é advogar em prol de Helena, e, sim, mostrar que a "habilidade" de dissimular não é uma característica exclusiva dessa personagem, mas de todas elas; até porque, somente um leitor iniciante poderia acreditar que na obra machadiana alguma coisa é "de graça" ou "ingênua". Digo isso, embasada no aprendizado que tive com minha orientadora Marta de Senna, que faz na nota da edição eletrônica de *Memorial de Aires* (em www.machadodeassis.net), a seguinte afirmação, que em minha opinião, serve para toda obra machadiana: "Tudo no *Memorial* talvez seja, mas pode ser que não fosse. De fato, o melhor de Machado de Assis é essa tensão entre o que é e o que poderia *não* ser."

Em Machado, nada é de graça, trata-se de uma espécie de jogo em que quase nunca as personagens são o que aparentam ser. Todas são dotadas de diversas personalidades, mas o que se pode dizer, sem medo de generalizar, é que na obra machadiana a dissimulação é sempre mais uma personagem do enredo.

Como disse, meu objetivo não é inocentar Helena, pelo contrário. Ela teve todas as chances de se esquivar desse papel, e ainda assim, não o fez. Mas é preciso saber que Helena faz parte de uma teia de personagens que espreitam durante o tempo todo. Repito a frase de Marta de Senna em um de nossos encontros da pesquisa: "É como se todos estivessem olhando através de frestas". Confesso que depois disso, meus olhos se abriram para as atitudes "inocentes" das personagens. Helena é uma vítima de si mesma: não aguenta a situação na qual ela própria se permitiu ficar, e a única solução que lhe parece viável é entregar-se à morte.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ana Maria de. Introdução. In: ASSIS, Machado de. *Helena*. São Paulo: Ática, 2004, p. 3-6.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: www.machadodeassis.net

_____. *Helena*. In: www.machadodeassis.net

_____. *Memorial de Aires*. In: www.machadodeassis.net

_____. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

SENNA, Marta de. Nota da edição eletrônica de *Memorial de Aires*. In: www.machadodeassis.net

Aproximação

Bolsista: Laíza Stéfane Verçosa do Nascimento

Orientadora: Marta de Senna

Projeto: Edição dos contos de Machado de Assis como hipertexto

Área / Instituição: Letras / UFRJ

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Setor Ruiano

Agência de financiamento: CNPq

Período: março de 2012 a julho de 2012

Em março de 2012 comecei uma viagem sem volta ao universo cultural da literatura machadiana. Essa viagem, sem dúvida, teve seus preparativos muito antes de sequer ingressar na faculdade de Letras. Lembro-me muito bem de como considerei inteligente e apaixonada a descrição da mulher de olhar oblíquo e dissimulado, e de como foi engraçado ler os absurdos de um livro escrito por um defunto autor / autor defunto. O tempo só colaborou para o aumento do interesse na leitura de Machado de Assis, e logo mais, o interesse na leitura de obras sobre Machado de Assis.

Ao conhecer o projeto de edição de contos de Machado de Assis como hipertexto, coordenado pela pesquisadora Marta de Senna na Fundação Casa de Rui Barbosa, fui cativada pela proposta do site. O objetivo de editar o texto machadiano a fim de disponibilizar ao leitor do século XXI uma fonte confiável de acesso ao universo de referências de Machado de Assis é altamente didático e inclusivo. Tornar um escritor como Machado de Assis acessível ao grande público sem empobrecer sua leitura é um desafio que não exige pouco esforço. Por isso, minha primeira tarefa ao entrar no projeto como bolsista foi dedicar-me à leitura de todos os romances de Machado. Apesar de minha área de pesquisa abranger a princípio os contos do escritor, seria uma grande negligência deixar de lado este outro tipo narrativo (ao qual Machado se lançou com excelência) e perder muito do diálogo que ele propõe em toda a sua obra de ficção.

Desde as primeiras leituras, pude perceber o quanto esse escritor, tão presente em minhas lembranças do ensino médio e fundamental, ainda me era desconhecido. Suas obras primeiras, até dado momento, não tinham recebido nem um olhar curioso de minha parte. Aos contos que pertencem a esse grupo, entretanto, foi necessário devotar uma boa parte de minha curiosidade e paciência. Depois de ter lido todos os romances, minha orientadora me introduziu aos tais. Em especial, um trabalho foi reservado a esses quatro meses: a revisão da edição em hipertexto de *Histórias da Meia-Noite*. Não me lembro de ter tido tanto deleite em leituras do século XIX quanto nessas semanas. Ao longo do processo, fui familiarizando-me

com a estrutura do site, com o conjunto de critérios de edição e com as inconsistências das edições dos textos machadianos, que nos levavam a muitos impasses no estabelecimento do texto, principalmente no que dizia respeito à pontuação. Juntamente com isso, a leitura de textos críticos indicados por Marta de Senna foi fundamental para o enriquecimento das leituras e discussões a respeito do texto machadiano. Dentre os críticos, posso citar John Gledson, Hélio de Seixas Guimarães, minha orientadora Marta de Senna e o próprio Machado, como fundamentais para o mergulho no universo do bruxo.

A aproximação ao texto machadiano tem-se dado assim: guiada pelos olhos clínicos de minha orientadora e aproveitada pelos olhos curiosos de sua orientanda.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, números 23 e 24. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Machado de Assis: acertando os ponteiros da ficção. In: ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. IX-XLVII.
- MERQUIOR, José Guilherme. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. 2ª ed. Edições críticas de obras de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p. 11-15.
- NOTA DA EDIÇÃO ELETRÔNICA DE CONTOS FLUMINENSES, Marta de Senna, pesquisadora; Ana Maria Vasconcelos Martins Castro, bolsista de Iniciação Científica na Fundação Casa de Rui Barbosa/CNPq outubro de 2011.
- SENNA, Marta de. *Alusão e zombaria: citações e referências na ficção de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: FCRB, 2008.

Uma introdução a *Histórias da meia-noite*

Bolsista: Mariana Magalhães Viana de Barros

Orientadora: Marta de Senna

Projeto: Edição dos contos de Machado de Assis como hipertexto

Área / Instituição: Letras/PUC-Rio

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa / Setor Ruiano

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Machado de Assis, além de autor de alguns dos mais importantes romances da literatura brasileira, foi um contista prolífico. Os livros de contos que publicou em vida não chegam a conter metade dos mais de 200 que escreveu, em geral para periódicos. (RIBEIRO, 2008: 10) O projeto “Edição dos contos de Machado de Assis como hipertexto” se propõe a estabelecer uma edição *on-line* fidedigna e anotada da totalidade dessas narrativas curtas. Como bolsista de iniciação científica, colaborei, sob a orientação de Marta de Senna, na preparação da antologia de contos *Histórias da meia-noite*, o que me levou a lançar um olhar mais metucioso sobre a obra. Este trabalho surge como resultado dessa reflexão mais demorada e se propõe a investigar alguns dos temas presentes nas seis narrativas curtas de *Histórias da meia-noite*.

A primeira edição de *Histórias da meia-noite* data de 1873, o que a situa entre *Ressurreição* (1872) e *A mão e a luva* (1874), os primeiros romances do escritor. Machado não era um nome desconhecido na prosa de ficção: na advertência ao leitor que abre a coletânea, agradece a boa acolhida dada ao seu romance de estreia. Ainda na advertência, anuncia um próximo, conferindo aos contos ali reunidos um ar transitório, como se tivessem a única função de distrair os leitores enquanto o romance seguinte não era publicado. De fato, a boa recepção de *Ressurreição* não se repetiria com *Histórias da meia-noite*: na introdução à edição da Martins Fontes de 2007, Hélió de Seixas Guimarães afirma que apenas dois artigos foram publicados logo depois do lançamento do livro. (XIII) Um deles já reconhece uma das características mais marcantes desses contos: seu caráter satírico.

Publicados em um intervalo de três anos no *Jornal das Famílias*, periódico voltado para um público predominantemente feminino e conservador, os contos reunidos na coletânea parecem satirizar os gostos e costumes da própria sociedade em que seus leitores estavam inseridos. Algumas das personagens de *Histórias da meia-noite* partilham com a sua época um gosto pelo romance romântico, gosto esse que acaba por influenciar o seu comportamento, afastando-o da realidade. É o caso da Isabel de “A parasita azul”, que guarda a flor dada pelo

primeiro amor mesmo já murcha e feia, e de Luís Tinoco, o poeta com muita ambição e pouco talento de “Aurora sem dia”. Em “Ponto de vista”, por outro lado, Raquel casa-se com o homem que, em cartas à amiga, dizia ser o oposto dos seus ideais românticos.

Em outros casos, são os valores e as expectativas do leitor implícito que são frustrados. Em “Ernesto de Tal”, dois rapazes são ludibriados por uma moça que tem como objetivo máximo casar a qualquer custo. Ao fim da narrativa, o rapaz que dá nome ao conto faz vista grossa ao comportamento da namorada e casa-se; ao contrário do esperado, não há punição para as ações dela. Já “O relógio de ouro” apresenta ao leitor um homem que acha um relógio de ouro em casa e crê ter sido presente de um suposto amante da mulher. O narrador identifica-se com o ponto de vista do marido ciumento, levando o leitor a esperar que as suspeitas dele se confirmem. No entanto, descobre-se ao fim do conto que o tal relógio fora enviado pela amante do homem. “As bodas de Luís Duarte”, por sua vez, satiriza os costumes pequeno-burgueses, do casamento ao piano.

Vemos em *História da meia-noite* um Machado de Assis que, se ainda está distante da provocação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880), nunca cede completamente aos valores e expectativas do seu leitor. Ora o leva a identificar-se com o narrador, ora frustra suas ideias pré-concebidas, mas nunca rejeita ou endossa completamente seu ponto de vista. É nesse equilíbrio que reside a complexidade de *Histórias da meia-noite*.

Principais referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GLEDSON, John. 1872: “A parasita azul”: ficção, nacionalismo e paródia. *Cadernos de literatura brasileira* 23-24. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008, p. 163-218.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Machado de Assis: acertando os ponteiros da ficção. In: ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. IX-XLVII.

MERQUIOR, José Guilherme. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Histórias da meia-noite*. 2ª ed. Edições críticas de obras de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p. 11-15.

RIBEIRO, Luis Filipe. Machado, um contista desconhecido. *Machado de Assis em Linha*: revista eletrônica de estudos machadianos, Rio de Janeiro, n. 1, jun. 2008. Disponível em: www.machadodeassis.net. Acesso em: 20 jun. 2012.

Artur Azevedo: As reformas urbanas em cena

Bolsista: Camilla Campos de Sobral

Orientador: Antônio Herculano Lopes

Projeto: O moderno, o nacional e o popular no teatro oitocentista

Área / Instituição: História/Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – FFP

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa – História

Agência de financiamento: CNPq

Período: setembro de 2011 a julho de 2012

Resumo

O presente trabalho visa abordar as reformas urbanas do Rio de Janeiro conforme captadas por Artur Azevedo em suas revistas de ano, dentro de uma perspectiva das sensibilidades sociais. Em sua trajetória como intelectual e homem de teatro, Artur abordou diversos temas e retratou tensões e uma sensibilidade da época ao acompanhar as transformações da cidade. O Rio de Janeiro adentrou o século XX como palco de uma ampla reestruturação do ambiente urbano, que visava “civilizar” a capital e aproximá-la do padrão de modernidade estabelecido sobretudo por Paris. A inauguração da Avenida Central correspondia a esse anseio. Enquanto as novas fachadas ainda permeavam os velhos contornos da cidade, os revistógrafos empenhavam-se em traduzir e referendar a realidade assistida pelo espectador. O recurso das revistas, por meio do humor, funcionou como válvula de escape para as tensões produzidas pela transformação do espaço público e do modo de vida dos cidadãos cariocas, ao mesmo tempo que deu suporte à necessidade de tal remodelação do urbano como forma de se adequar às mudanças mais amplas trazidas pela entrada definitiva do país na modernidade capitalista, com o fim do sistema escravista.

Objeto e objetivos

Através da análise das revistas dos anos de 1905 (*Guanabarina*) e 1907 (*O ano que passa*), de Artur Azevedo, este trabalho tem o objetivo de captar a percepção, pelo comediógrafo, das transformações urbanas e sua representação do moderno, mediante uma sensibilidade própria, que refletia em parte e atuava sobre as sensibilidades sociais da Capital Federal.

Metodologia

As fontes a serem utilizadas nesta pesquisa são as revistas do ano de 1905 (*Guanabarina*) e de 1907 (*O ano que passa*), de Artur Azevedo, as quais serão analisadas a partir das representações que o comediógrafo faz em cena sobre as reformas realizadas no Rio

de Janeiro e seu impacto sobre a população. Baseando-se em uma perspectiva da história das sensibilidades, esta pesquisa visa captar, nas peças escolhidas, a percepção das transformações no modo de vida e na própria mentalidade dos habitantes da capital. Artur Azevedo – um devoto da missão civilizatória – oferecia a seu público personagens que traduziam a dinâmica da mudança e auxiliavam o espectador a compreender e a aceitar as novas relações sociais que se anunciavam. A partir das fontes selecionadas, será realizada uma análise de seus conteúdos, buscando evidenciar as representações do moderno em contraponto com os limites do antigo, que ainda permeavam a cidade, e as visões sobre ela.

Resultados e conclusões

As reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro durante os primeiros anos do século XX centraram-se não só nos aspectos estruturais das intervenções físicas, mas, especialmente nos aspectos simbólicos e no imaginário da população. O que se almejava para a Capital Federal, além da melhoria do aspecto urbano, da circulação das vias de acesso e da questão sanitária da cidade, era a construção de um símbolo que representasse o avanço e a modernidade possibilitados pela República. A capital reformada ganhou seu grande símbolo do moderno com a construção da Avenida Central, já pronta para receber o produto que representava a velocidade e a potência da modernidade, antes mesmo de ele entrar em grande número no país: o automóvel. As revistas de ano representaram um espaço de dinâmica e representação dos limites que deveriam ser compreendidos e assimilados por todos os que assistiam e vivenciavam a reforma de uma cidade que deveria servir de vitrine do Brasil para o mundo.

Referências bibliográficas

- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- LOPES, Antonio Herculano; LIMA, Nísia Trindade. *Memória, história e sensibilidade: notas para um debate*. XIV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 2010.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PESAVENTO, Sandra J. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SÜSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

A sensibilidade de Artur Azevedo sobre as relações de gênero – Uma análise fundamentada na peça “O dote” e no monólogo “Reflexões de um marido”

Bolsista: Suelyn da Silva Goulart

Orientador: Antônio Herculano Lopes

Projeto: O moderno, o nacional e o popular no teatro oitocentista fluminense

Área / Instituição: História/ Universidade Federal Fluminense

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa – História

Agência de financiamento: CNPq

Período: janeiro a julho de 2012

Este projeto integra a pesquisa “O moderno, o nacional e o popular no teatro oitocentista fluminense” que segue a linha da História Cultural e mais especificamente da História das Sensibilidades. Esta pesquisa busca, nas manifestações próprias do universo teatral e nas relações entre a comunidade artística, os elementos que transitavam das camadas mais populares para o palco e, em seguida, para a sociedade como um todo. Levam-se também em consideração os diferentes graus de resistência na assimilação dessas “novidades” em cada nicho social. Tais elementos tornaram-se, aos poucos, parte integrante da construção do que eram, ou deveriam ser, a cultura e a nacionalidade brasileiras, construindo, dessa forma, uma identidade, posteriormente revelada para o mundo como o cartão de visitas do Brasil.

As relações de gênero não escapam das transformações em curso no final do século XIX, mas suas manifestações são mais pontuais, na medida em que a sociedade, extremamente conservadora, patriarcal e machista, impunha limites bastante claros e sanções duras àquelas mulheres que ousavam transpor o limite definido para sua atuação, delimitada basicamente à esfera da vida privada.

Isso não impediu, no entanto, o florescimento de mulheres talentosas, desafiadoras e consagradas pela história por suas produções artísticas e por suas atuações sociais. Para ilustrar essa afirmação, podemos citar os nomes: Júlia Lopes de Almeida, Francisca Gonzaga e Cinira Polônio.

O importante a sublinhar nesse momento é que o presente trabalho visa buscar as sensibilidades expressas particularmente nas relações de gênero. Para isso, vamos usar o texto teatral “O dote” escrito por Artur Azevedo e inspirado em um monólogo de autoria da

escritora Júlia Lopes de Almeida, intitulado, quando publicado no jornal *O Paiz*, de “Reflexões de um marido”.¹

Em uma de suas palestras, publicadas no mesmo jornal, em 6 de março de 1907,² Artur Azevedo nos conta a história acontecida em uma tarde, como qualquer outra, na redação do jornal, quando Álvaro Peres o procurou pedindo que escrevesse uma peça teatral para ser estrelada por sua esposa, a atriz Lucilla. Diante desse pedido, Artur, um pouco contrariado, começa a ler um número anterior³ de *O Paiz* e ali encontra o texto de Júlia Lopes de Almeida, elaborando a partir daí a peça que fez grande sucesso no Brasil e no exterior.

Na biografia de Artur Azevedo escrita por Raimundo Magalhães Jr., encontramos uma carta de Tomaz Lopes,⁴ cônsul do Brasil em Montevidéu, declarando, em 30 de setembro de 1908, suas impressões sobre a peça que estreara naquela cidade. O cônsul ressalta a receptividade da sociedade em geral, do público feminino em particular e os cumprimentos recebidos de autoridades de alguns países.

A relevância e identificação do público com a peça é bastante evidente nas manifestações ocasionadas por suas representações na cidade do Rio de Janeiro e impressas nas páginas dos jornais da cidade. “O dote” foi montado por muitas décadas após sua estreia.

O texto de Júlia Lopes pode ser compreendido em sentido *lato* se analisado à luz de sua biografia, de sua obra como um todo e em conjunto com os demais monólogos presentes no livro *Eles e elas*. O texto não tem cunho autobiográfico, o casamento de Júlia Lopes parece ter sido sereno e tranquilo, como deixam transparecer as cartas e poemas⁵ trocados pelo casal e que se encontram no acervo da família. As elucubrações de Júlia Lopes de Almeida nos monólogos do livro *Eles e elas* parecem ser mais fruto da observação direta da sociedade e, quem sabe, de casais mais ou menos próximos da autora, o que nos faz pensar ser ela uma retratista das relações dos casais por meio das letras.

É claro que a diversidade social e as mais distintas sensibilidades de homens e mulheres diante de seus relacionamentos não cabem em modelos fechados de bons e maus casamentos, de casamentos felizes e infelizes, mas a dependência financeira e social, além do papel social a que as mulheres eram submetidas muitas vezes resultavam em insatisfações de ambos os gêneros, mesmo que por razões distintas.

¹ Esse texto faz parte do livro *Eles e elas* constituído por um conjunto de monólogos proferidos por homens e mulheres, maridos e esposas, nos quais cada um, por sua vez, declinam sobre as insatisfações com o sexo oposto. Nesse livro o nome do texto aqui utilizado é “Não posso mais...”

² *O Paiz*, 6 mar. 1907. Acervo digital da Biblioteca Nacional.

³ *O Paiz*, 18 nov. 1908. Acervo digital da Biblioteca Nacional.

⁴ MAGALHÃES Jr, Raimundo. *Arthur Azevedo e sua época*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1953, p. 209.

⁵ SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A escritora / os críticos/ a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

Nesse sentido é bastante ilustrativa as sensibilidades manifestadas nos textos de Júlia Lopes de Almeida e Artur Azevedo, e mais enriquecedora é a construção do feminino e a comparação dessas sensibilidades em suas respectivas singularidades.

Redes sociais de amparo ao movimento abolicionista radical (1883-1885)

Bolsista: Hendie Tavares Teixeira

Orientador: Eduardo Silva

Projeto: Resistência negra e formação do underground abolicionista: uma investigação de história cultural

Área / Instituição: História/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa – História

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Crônica do bem e o movimento abolicionista

A questão da libertação do elemento servil foi um problema que já começava a se evidenciar desde a independência do Brasil. As pressões internacionais isolavam o país e, depois da proibição definitiva do tráfico negreiro em 1850, as brigas parlamentares saíam de um silencioso protesto. Iniciava assim o movimento abolicionista, que só foi realmente possível quando penetrou na sociedade e esta se fez manifestar.

A partir de 1880, políticos como Joaquim Nabuco e jornalistas como José do Patrocínio faziam circular no parlamento e na imprensa a luta pela abolição. Nas ruas iniciava-se um processo rápido de redes sociais de amparo ao movimento abolicionista. Associações e clubes eram organizados por todos os lugares do país e as libertações individuais começavam a ficar frequentes.

É nesse período que esta pesquisa se insere, a partir de 1880, quando o movimento abolicionista torna-se radical e quando o jornal passa a ser instrumento forte na campanha. Através do jornal *Gazeta da Tarde*, na sessão chamada “Crônica do Bem”, podemos perceber a participação da sociedade no processo abolicionista em uma relação de projeção-identificação que o jornal provocava nas suas sessões.

Ao mesmo tempo que o jornal publica frequentemente a sessão “Crônica do Bem”, referida à abolição, isso só se torna possível porque ele reflete as próprias ações de ampla parcela da sociedade, que é a personagem central destas publicações. Os indivíduos que surgem como protagonistas são motivados pelo seu contexto e buscam – seja por interesses pessoais ou busca por status, seja pelos seus ideais e princípios – a prática ativa na campanha abolicionista.

O escopo documental refere-se à década da abolição – entre 1880 e 1884 –, na qual a campanha abolicionista ganha força e projeção. O recorte refere-se ao início do jornal *Gazeta*

da Tarde (fundado por Ferreira de Meneses e posteriormente comprado por José do Patrocínio), em 1880, até 1884, no qual já nos é permitido perceber a transição de um jornal simpático à causa abolicionista para um jornal abertamente abolicionista. Analisaremos prioritariamente a sessão “Crônica do Bem” que, embora ainda não existisse em 1880 com este nome – mas já havia pequenas publicações soltas relacionadas à “boa ação” de membros da sociedade – é estreada em 1881, destinada primeiramente a “boas ações”, nas quais a libertação do escravo era inserida e logo transformada em sinônimo de abolição.

Para a abordagem metodológica, recorreremos aos estudos de Eduardo Silva, que nos traz a importante categoria do “*underground* abolicionista”, processo este que viria a mostrar que o projeto abolicionista, longe de ter sido apenas um movimento político parlamentar, representou uma ampla mobilização de setores populares e intelectuais. A abordagem histórica desta investigação nos permite uma aproximação do cotidiano da sociedade fluminense da época e oferece conceitos interpretativos para o estudo do papel de determinados atores sociais no movimento abolicionista, incluindo a população negra e miscigenada, marca tão característica e muito presente de nossa cultura social.

A partir dessas análises, pretendemos mostrar que o processo abolicionista ocorreu de forma bastante complexa, envolvendo diversos grupos e setores sociais, mas que foi a partir destas redes sociais que a campanha ganhou força suficiente para finalmente pôr fim ao considerado desumano e símbolo do atraso do Brasil, que era o trabalho servil.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d’ África, o príncipe do povo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- _____. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Historia da imprensa no Brasil* 4. ed. [atualizada]. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Referências documentais

- Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro: 1880-1884. Diário

Economia Criativa: da discussão conceitual às proposições do Plano da Secretaria de Economia Criativa

Bolsista: Guilherme Lopes Nascimento

Orientador: Euclides Maurício Siqueira de Souza

Projeto: Economia Criativa: formas características de trabalho e suas tendências na economia brasileira

Área / Instituição: Produção Cultural - Universidade Federal Fluminense (UFF)

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa – Setor de Políticas Culturais

Agência de financiamento: CNPq

Período: dezembro de 2011 a julho de 2012

Introdução

As relações entre Cultura, Economia e Desenvolvimento têm sido um campo de intensos debates e estudos na contemporaneidade, além de estarem sendo vistas cada vez mais como uma área estratégica e relevante para as ações governamentais. No caso brasileiro, isso não tem sido diferente. Na atual gestão de Ana de Hollanda à frente do Ministério da Cultura (MinC), adotou-se uma nova terminologia que tem sido reproduzida em grande parte dos discursos sobre a ação no campo da Cultura no mundo, a chamada *Economia Criativa*. Há, porém, uma discussão acerca desse conceito, sobre o seu real significado, abrangência e relevância para a formulação e prática da Política Cultural.

Objetivos

O trabalho pretende enxergar quais as mudanças no cenário da Política Cultural no Brasil que o foco dado à Economia Criativa pode acarretar, através da comparação entre as ideias presentes nas discussões conceituais sobre a relação entre Cultura e Economia – e qual o lugar e o uso do termo Economia Criativa no contexto de países em desenvolvimento – com a abordagem e as proposições contidas no *Plano da Secretaria de Economia Criativa*, publicado em 2011 pelo MinC.

Metodologia

Para tal investigação, a pesquisa se divide em três frentes, a saber:

- a. Uma primeira investigação teórica e conceitual através da leitura de bibliografia sobre os temas Economia Criativa, Economia da Cultura, Indústrias Culturais, Indústria Criativa e Política Cultural, para assim obter uma melhor delimitação do campo.

- b. A leitura crítica do Plano da Secretaria de Economia Criativa do MinC, para apreender quais são os fundamentos e diretrizes do Ministério para a formulação e aplicação de suas políticas.
- a. Comparação entre o resultado obtido nas duas etapas anteriores, enxergando quais os pontos de convergência e divergência entre o Plano e as discussões teórico-conceituais, a fim de pensar criticamente o campo da Política Cultural brasileira.

Conclusões

A Secretaria demonstra, através do Plano, que houve um esforço na adaptação desses conceitos à realidade brasileira, ao incluir expressões características da cultura nacional no escopo dessa Economia, e ao procurar, ainda que minimamente, destacar a potencialidade da cultura e da criatividade relacionada à inclusão social e à diversidade cultural.

A questão que fica é de que ter a Economia Criativa como principal vetor da política cultural brasileira pode acabar por ser uma visão restrita, dando privilégio a um tipo específico de “fazer cultura”. Entender a Cultura, e também a criatividade, como um fenômeno principalmente econômico, arrisca não dar conta de toda a diversidade de expressões culturais existentes no Brasil, e, principalmente, não ser suficiente para um projeto de Política Cultural que entenda e trate a Cultura como agente transformador da sociedade, capaz de trazer direitos, cidadania e que expresse a alteridade.

Referências Bibliográficas

- BARBALHO, Alexandre. Política e Economia da Cultura. In: _____. *Textos Nômades: Política, Cultura e Mídia*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.
- MACHADO, Rosi Marques. Da indústria cultural à economia criativa. *Revista Alceu*, volume 9 - n.18 - p. 83 a 95 - jan./jun. 2009.
- MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). *Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Coleção CULT, 1. Salvador: EDUFBA, 2007.
- MINISTÉRIO DA CULTURA, Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014, Brasília, Ministério da Cultura, 2011.
- REIS, Ana Carla Fonseca (Org.). Introdução. In: _____. *Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*. São Paulo: Garimpo de Soluções e Itaú Cultural, 2008.

“Inconstitucional, inexecutável e altamente prejudicial à cultura brasileira”. Os intelectuais do CFC escrevem à Censura oficial do regime militar

Bolsista: Rafael Pereira da Silva Mendes

Orientadora: Lia Calabre

Projeto: História da política cultural no Brasil: 1964 aos anos 2000

Área / Instituição: História – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa – Setor de Políticas Culturais

Agência de financiamento: CNPq

Período: Agosto de 2010 / Julho de 2012

Introdução

Em 1966, dois anos após o golpe civil-militar, foi criado o Conselho Federal de Cultura (CFC), órgão governamental responsável pela elaboração de uma política nacional de cultura até 1990, quando foi desmontado por Fernando Collor. O CFC reuniu, ao longo de sua existência, diversos intelectuais nacionalmente reconhecidos, que passaram a trabalhar junto ao Estado autoritário (1964-1985), coordenando as atividades culturais no interior do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Estudar o Conselho, portanto, significa compreender que tipo de relação existia entre a ditadura civil-militar e os intelectuais de sua confiança – entre a *práxis* do poder político e a teoria das obras do intelecto. *Será possível desvendar o sentido de um regime político a partir da função atribuída por ele aos seus intelectuais?* Segundo Norberto Bobbio, este questionamento faz parte do “problema dos intelectuais”, homens que sempre devem refletir sobre o que eles próprios fazem ou devem fazer na sociedade.

Pretendo, nesta apresentação, abordar essas questões a partir de dois episódios nos quais o Conselho Federal de Cultura buscou se envolver: a censura, em 1967, do filme *Terra em Transe*, dirigido por Glauber Rocha, e a promulgação do Decreto-Lei 1.077, de janeiro de 1970, que estabeleceu a censura prévia sobre materiais impressos.

Objetivos do projeto

Resgatar a história das políticas culturais no Brasil, do período da ditadura civil-militar até os dias de hoje: em termos gerais, este é o objetivo do projeto ao qual me encontro vinculado. Especificamente, meu trabalho busca recuperar a história do Conselho Federal de Cultura durante as décadas de 1960 e 1970. Isso me permite atuar em várias frentes. A relação entre intelectuais e o Estado autoritário é uma delas.

Metodologia e conclusões

Além de trabalhar com os documentos depositados no acervo do Conselho Federal de Cultura, tenho feito o acompanhamento de fontes alocadas no Arquivo Nacional – RJ, referentes à Secretaria de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, fundo arquivístico cujo código é U2.

Com base nessa documentação e na leitura da bibliografia – embora a pesquisa esteja longe de alcançar seu termo final –, é possível concluir, ainda de forma incipiente e generalizante, que *a relação estabelecida entre os intelectuais do CFC e a ditadura, geralmente vista sob o ângulo da colaboração, foi repleta de ambivalências*. E mais: o Conselho foi criado muitos anos antes do início da abertura política promovida pelo presidente Geisel (1974-1979). Portanto, *o interesse da ditadura pelo campo da cultura é anterior ao período em que o Estado autoritário buscou apoio em setores mais à esquerda da sociedade*. Este fato é importante para lançar novas luzes sobre aquele período.

Referências Bibliográficas

- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- CALABRE, Lia. O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 37, janeiro-junho de 2006, p.81-98.
- MICELI, Sérgio (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- QUADRAT, Samantha e ROLLEMBERG, Denise (Org.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. vol. 2.

Discussões no Conselho: da Cultura de Estado à Cultura de Mercado

Bolsista: Renata Duarte

Orientadora: Lia Calabre

Projeto: Política de Cultura no Brasil – Memória e História

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Unidade / Setor: Centro de Pesquisa – Setor de Políticas Culturais

Agência de financiamento: CNPq

Período: Outubro de 2011 a Julho de 2012

Criado no âmago de um governo ditatorial, o Conselho Federal de Cultura possuía uma importante incumbência: formular a política cultural nacional e, mais que isso, “orientar” a construção de uma identidade nacional condizente com os interesses existentes. Para tal foram reunidos intelectuais de renome, nomeados pelo presidente da república, para o exercício de um mandato. Ao término deste, os intelectuais poderiam ser reconduzidos para novos mandatos e, em um eventual impedimento destes, o próprio Conselho indicaria um substituto, transformando-o, assim, em uma “sociedade de pensadores”, que testemunhou e discutiu a cultura de um importante período da história.

O Conselho Federal de Cultura teve sua maior atuação entre os anos de 1968 e 1976. A partir deste ano, nota-se um progressivo declínio de importância da instituição, decorrente não só da perda de atribuições geradas pela criação de novos órgãos ligados à cultura, mas também ligada à conjuntura política e ideológica do país.

Essa conjuntura estará em plena ebulição às vésperas de um dos períodos mais conturbados da história da nação: a redemocratização, que gerou um movimento que não buscava apenas democratizar as eleições, mas também a cultura. Encabeçando essa nova forma de pensar a cultura, o ministro Celso Furtado buscava valer-se de um novo instrumento que surgia para criar uma outra via de financiamento à produção cultural, uma lei de incentivo fiscal, a Lei Sarney.

A lei tinha como principal objetivo descentralizar a fonte financiadora de cultura, que antes provinha apenas do Estado, para que este não a pudesse cercear de acordo com sua vontade. Era um passo importante para um país que buscava “libertar-se”: libertar suas ideias, sua cultura.

Com um método de atuação bem abrangente, a lei previa que o financiamento deveria ser acordado entre a entidade o artista, sendo proibido qualquer tipo de mediação entre ambos,

para que se pudesse criar a arte do local, *in loco*, com financiamento provido pelos “patrocinadores” locais.

Atentos a tudo o que ocorria, estavam os Conselheiros que, em suas plenárias e nos veículos em que publicavam, debatiam não só a letra da lei, mas seus usos e seus abusos, lançando luz sobre diversas questões que ainda hoje se mostram atuais e relevantes para se pensar a cultura nacional, principalmente nesse nosso momento de debates tão acalorados em torno da reformulação da Lei Rouanet, que tramita nas esferas do poder desde 2009.

Visando enriquecer tais discussões, esse projeto busca lançar luz à troca ocorrida entre conselheiros, ministro e população sobre os benefícios e malefícios da Lei, que pode ser considerada “mãe” da Rouanet: a Sarney. Um tema pouco estudado, mas extremamente rico, que só tem a acrescentar aos debates em torno da reestruturação necessária que se pretende.

Como metodologia, serão realizadas pesquisas nos acervos documentais do Conselho Federal de Cultura, atualmente em fase de tratamento e infelizmente indisponíveis ao público; em periódicos da época, com enfoque nos jornais *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, onde se fizeram mais presentes as produções externas dos membros do Conselho; além de suporte teórico, de caráter bibliográfico.

Referências Bibliográficas

- CALABRE, Lia. *Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura*. Intelléctus. Rio de Janeiro: ano 5, vol. II.
- ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, ano 1985/1992.
- FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, ano 1985/1992.
- FRANCESCHI, Antônio. *Marketing cultural: um investimento com qualidade*. São Paulo: Nova Sociedade Comunicação, 1998.
- LEI ROUANET, CONTRIBUIÇÕES PARA UM DEBATE SOBRE O INCENTIVO FISCAL PARA A CULTURA. *Observatório Itaú Cultural*, Rio de Janeiro: 2009, n. VII.
- MAIA, Tatyana. *Cadeias da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura e o papel cívico das políticas culturais da ditadura civil-militar*. Rio de Janeiro, 2010. Exame de qualificação para tese de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- MICELI, Sérgio (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- MOÍSES, José e BOTELHO, Isaura (Org.). *Modelos de financiamento da cultura*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

Discurso médico e transformação da paisagem no vale de Botafogo

Bolsista: Bruno Azambuja Araujo

Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos

Projeto: Formas de morar, cidade e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista

Área / Instituição: História - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência de financiamento: CNPq

Período: Agosto de 2010 a Julho de 2012

Direcionado para a pesquisa sobre as formas de ocupação que antecederam à chegada de Rui Barbosa na propriedade que hoje constitui o Museu Casa de Rui Barbosa, a investigação busca compreender os contextos socioculturais da segunda metade do século XIX e suas implicações nas modificações urbanas ocorridas nesse período.

A cidade do Rio de Janeiro chega ao último quarto do século XIX sofrendo intensas transformações em sua paisagem, expandindo sua ocupação até áreas outrora pouco habitadas ou “inabitáveis”. Verifica-se a importância de se desenvolver um plano urbanístico para ordenar essa transformação, em uma geografia particular e que densamente ia se ocupando. Os dois relatórios da Comissão de Melhoramentos publicados em 1875 e 1876 previam abertura e alargamento de ruas, aterros, canalização de rios e outras ações que modificariam não só a paisagem, como também a forma dos habitantes se relacionarem com ela. Nesse sentido, um ideário higiênico sanitaria influenciava nas novas formas de morar, de ocupar e de conceber o ambiente carioca.

Buscou-se, a partir desses dois relatórios, a repercussão de suas propostas na voz dos moradores do bairro de Botafogo que à época, cujo número crescia de maneira exponencial. No entanto, o debate pareceu se restringir ao poder público e sua relação com os engenheiros e os médicos sanitaristas cada vez mais presentes.

Concentrada nos periódicos da época, a pesquisa voltou-se sobre outras fontes que poderiam revelar tais relações: os anúncios de imóveis no bairro. Estes demonstraram uma grande riqueza descritiva e valorativa das formas de ocupação dessa paisagem em grande transformação. Os novos serviços urbanos que apareciam na cidade e no bairro foram também pesquisados como fatores demonstrativos de tal fato. Além destes, tornou-se imprescindível a busca de documentos e bibliografia que versassem sobre a importância do higienismo como ideário que sustentava boa parte dessas intervenções no ambiente urbano, desde formas concretas de morar até a valoração do espaço físico carioca.

Neste sentido, a pesquisa sustenta que a crescente influência do discurso médico no poder público, aliado a interesses imobiliários e políticos, definiu novas fronteiras entre as formas de ocupação da cidade e do bairro de Botafogo. Ao longo da comunicação a ser apresentada na Jornada se buscará demonstrar como essa transformação ocorreu, definindo a paisagem do bairro em que posteriormente iria residir Rui Barbosa.

Referências Bibliográficas

ANDREATTA, Verena. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

ABREU, Mauricio de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 3.ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

SANTOS, Sergio Roberto Lordello dos. *Expansão urbana e estruturação de bairros do Rio de Janeiro – o caso de Botafogo*. Tese de mestrado em Engenharia, UFRJ. Rio de Janeiro, 1981.

HISTÓRIA DOS BAIRROS – MEMÓRIA URBANA – BOTAFOGO. Grupo de pesquisa em Habitação e Uso do Solo Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Index Editora / João Fortes Engenharia. Rio de Janeiro, 1983.

MACHADO, Roberto. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro. Graal, 1978, p. 11- 278.

PEREIRA, Margareth da Silva. *Os correios e os telégrafos no Brasil – um patrimônio histórico e arquitetônico*. São Paulo: MSP/Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1999.

PLANOS URBANOS – RIO DE JANEIRO – O SÉCULO XIX. Rio de Janeiro, Instituto Pereira Passos, 2008.

Reflexos da Evolução de Botafogo na Casa de Rui Barbosa

Bolsista: Cíntia Silva de Brito

Orientadora: Ana Maria Pessoa dos Santos

Projeto: Arqueologia de uma paisagem: a ocupação do vale do Botafogo

Área / Instituição: Arquitetura e Urbanismo – UFRJ

Agência de financiamento: CNPq

Período: agosto de 2011 a julho de 2012

Introdução

Ao longo do segundo semestre de 2011 e do primeiro semestre de 2012, dentro do projeto “Arqueologia de uma paisagem: a ocupação do vale do Botafogo”, sob responsabilidade da Dra. Ana Pessoa, as realizações por mim feitas serão comentadas neste resumo.

Objetivos

O projeto “Arqueologia de uma paisagem: a ocupação do vale do Botafogo” tem como principal objetivo analisar as mudanças urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas ocorridas no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro ao longo dos séculos, culminando na atual apresentação do bairro e, em especial, os arredores da Casa de Rui Barbosa.

Como objetivo final pretende-se confeccionar uma mídia que demonstre a evolução de estilos arquitetônicos, reflexo do contexto urbano local, através da Casa de Rui Barbosa, mostrando as alterações ao longo das décadas, tanto de sua arquitetura como de seu paisagismo.

Metodologia

Busquei trabalhar, na primeira etapa desse trabalho, com a coleta de dados, especialmente mapas e anúncios em jornais. Através desta coleta foi possível traçar um panorama que me permitiu avançar para uma segunda etapa em que, por meio do estudo de pormenores arquitetônicos, analiso fachadas e volumetria da própria Casa de Rui Barbosa, demonstrando, através da mídia digital, o reflexo da mudança desse panorama. É preciso levar em conta, no entanto, as limitações dessa forma de modelagem para detalhes arquitetônicos, muitas vezes demasiado artesanais e de difícil representação eletrônica.

Conclusões

Pude concluir através das análises ao longo destes dois últimos semestres que a ocupação do bairro de Botafogo se deu de forma particular dentro da cidade do Rio de

Janeiro. A pluralidade de arquitetura, mostrada da moradia, de classes sociais e traçado urbano demonstram cada período histórico pelo qual o bairro passou, e as mudanças na Casa de Rui Barbosa são o perfeito reflexo do bairro, com suas adições necessárias a cada novo morador e a cada mudança no perfil deste bairro.

Referências bibliográficas

ESTEVEZ, Xeraldo. Paisajes urbanos com-texto y sin-texto. In: NOGUÉ, Joan (Ed.). *La construcción social del paisaje*. Madri: Biblioteca Nueva, 2007, p. 263-281.

JORNAL do Comércio. Rio de Janeiro, 1872, 1875 e 1878.

Os Oliveira Castro e os Pontes Câmara: as conexões nos arquivos pessoais

Bolsista: João Gabriel Guerreiro Rangel do Nascimento

Orientadora: Lucia Maria Velloso de Oliveira

Projeto: Os Oliveira Castro e os Pontes Câmara: as conexões nos arquivos pessoais

Área / Instituição: História / Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Unidade / Setor: CMI – Arquivo Histórico e Institucional

Agência de financiamento: FCRB

Período: outubro de 2011 a julho de 2012

Introdução

O projeto iniciado no segundo semestre de 2011 tem como principais objetivos elaborar um método de descrição e uma estrutura de arranjo dos documentos que dizem respeito à história das famílias Oliveira Castro e Pontes Câmara, doados por Lúcia Sanson.

A Coleção Oliveira Castro e Pontes Câmara reúne em seu conteúdo diversas informações sobre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que possibilitam uma análise de um período histórico brasileiro obedecendo a um corte cronológico: meados do século XIX até o início do século XX. A posição das famílias na sociedade e as atividades desempenhadas pela mesma na esfera social, política e econômica favorecem a reconstituição do contexto histórico em questão. A referida Coleção é composta por fotografias e documentos textuais das mais variadas espécies, o que permite uma maior possibilidade de análise do período.

Objetivos

Tomando como base a observância dos princípios arquivísticos, o aporte teórico que aponta a organização e classificação dos arquivos pessoais e a especificidade da Coleção Oliveira Castro e Pontes Câmara, no que se refere a organicidade e o vínculo entre os documentos, o projeto pretende desenvolver um arranjo para os documentos da Coleção Lúcia Sanson.

Metodologia

Os documentos acumulados e doados por Lúcia Sanson não apresentam uma organização ou classificação inteligível que possam caracterizá-lo como arranjo primitivo. Os documentos foram acumulados por formato, não obedecendo a uma ordem cronológica ou alfabética, logo, julga-se necessário, a partir dessa análise do princípio de respeito à ordem

original, a elaboração de um quadro de arranjo que possa classificar esses documentos de forma mais inteligível.

A elaboração do arranjo documental para a Coleção Lúcia Sanson sobre a família Oliveira Castro e Pontes Câmara acontece após as etapas de leitura de documentos e identificação dos mesmos com relação a espécie documental. A separação física por conjuntos documentais precede a futura classificação para iniciar a descrição. Como a coleção conta com diversas espécies documentais, o estabelecimento de um vínculo arquivístico é extremamente delicado, logo a reunião e classificação dos documentos serão por espécie, obedecendo a uma ordem cronológica e alfabética.

Conclusão

O trabalho, realizado em conjunto com a orientação de Lucia Maria Velloso de Oliveira e com a doadora dos documentos da coleção Lúcia Sanson, tem a tarefa de elaborar um plano de classificação que obedecerá a critérios bem particulares. Ao final do projeto, informações como a história do Rio de Janeiro contada por fotos no início do século XX, indumentária, aspectos políticos e econômicos do período serão disponibilizados para o público.

Referências Bibliográficas:

DURANTI, Luciana. *The Archival Bond: Archives and Museum Informatics*, Netherlands: Kluwer Academia Publishers, v. 11, p. 213-218, 1997.

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 151-168, 1998.

OLIVEIRA, Lucia Maria V. de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile Editorial, 2012.

THOMASSEN, Theo. A first introduction to Archival Science. *Arquivo e Administração*, Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, v. 5, n. 1, p. 5-16, jan./jun. 2006.

YEO, Geoffrey. *Concepts of Record (1): evidence, information and persistent representations*. Chicago: The American Archivist, v. 70, n. 2, p. 315-343, 2007.

Novos pontos de acesso através da tipologia documental

Bolsista: Patricia Ladeira Penna

Orientadora: Lucia Maria Velloso de Oliveira

Projeto: Arqueologia de uma paisagem: a ocupação do vale do Botafogo

Área / Instituição: Arquivologia – Universidade Federal Fluminense

Unidade / Setor: Arquivo - Centro de Memória e Informação

Agência de financiamento: FCRB

Período: agosto de 2010 a julho de 2012

Introdução

Este trabalho visa apresentar os resultados obtidos após dois anos de atividade no projeto Análise Tipológica dos Documentos em Arquivos Pessoais: uma representação do Código Social. O objetivo principal deste foi a realização da análise tipológica de documentos de arquivos pessoais produzidos em razão do nascimento, morte, casamento e grandes viagens nos arquivos de Rui Barbosa, João Pandiá Calógeras e Ubaldino do Amaral; e também nas coleções José Antunes de Oliveira Catramby, Eduardo Prado e Família Barbosa de Oliveira, todos sob a custódia do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Objetivos

Os objetivos do projeto incluíam os seguintes aspectos:

- elaboração de uma bibliografia de referência no âmbito da arquivologia, em que se privilegiou a discussão sobre a análise tipológica, e no âmbito historiográfico, em que se deu ênfase às formas de bem viver nos séculos XIX e XX;
- identificação dos tipos documentais produzidos em virtude dos eventos sociais estudados neste projeto;
- realização do estudo da tipologia documental;
- difusão dos resultados do trabalho em espaços como congressos e seminários.

Metodologia

A primeira atividade neste projeto foi a realização de um levantamento bibliográfico. Em seguida, partiu-se para uma busca na base de dados APES da Fundação Casa de Rui Barbosa, a fim de identificar os documentos referentes aos quatro momentos sociais deste projeto: nascimento, morte, casamento e grandes viagens. Dessa busca chegamos a 30 palavras-chaves, que procuravam dar conta desses eventos. Foram, assim, localizadas 925

pastas e, a partir da análise das mesmas, verificou-se a presença de 191 documentos relativos a casamento, 303 a morte, 138 a viagem e 62 a nascimento.

Em seguida foi elaborado um formulário para o registro dos dados observados nos documentos consultados para a possível identificação e análise tipológica. Após o preenchimento deste formulário, partiu-se para a produção comparativa e qualitativa da tipologia identificada.

Conclusão

Neste momento estamos na fase de análise comparativa e qualitativa, para, em seguida serem elencadas as tipologias identificadas.

Os dados parciais do projeto foram recentemente apresentados no XVII Congresso Brasileiro de Arquivologia.

A realização deste trabalho possibilitará ao arquivista encontrar ligação entre os documentos arquivísticos e os contextos que os geraram. Delinear estes modelos de registros e as formas de comunicação entre as pessoas facilitará e agilizará a pesquisa do usuário dos arquivos pessoais, oferecendo os tipos documentais como pontos de acesso.

Referências bibliográficas

BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo/ Arquivo do Estado, 2000. (Projeto Como Fazer).

RODRIGUES, Ana Célia. *Tipologia documental como parâmetro para a gestão de documentos de arquivos: um manual para o Município de Campo Belo, MG*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. (Dissertação de Mestrado).

ROQUETTE, J.I. *Código do bom-tom: ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Coleção Retratos do Brasil).

A Fotografia no Arquivo Pessoal de Américo Jacobina Lacombe

Bolsista: Vanina dos Reis Araujo

Orientadora: Leila Estephania de Moura

Projeto: A Fotografia no Arquivo Pessoal de Américo Jacobina

Área / Instituição: Arquivologia – Universidade Federal Fluminense

Unidade / Setor: CMI / Arquivo Histórico e Institucional

Agência de financiamento: FCRB

Período: agosto de 2010 a julho de 2012

Introdução

O presente texto é o resumo expandido relativo a execução do projeto *A fotografia no arquivo pessoal de Américo Jacobina Lacombe*. Neste trabalho pretendemos agregar informações sobre as novas etapas que foram realizadas dentro do projeto. Durante a 6ª Jornada de Iniciação Científica apresentamos parte dos resultados alcançados no período de agosto de 2010 e julho de 2011.

Mais uma vez pretendemos reforçar a potencialidade dos arquivos pessoais como elementos importantes para a complementação e, em alguns casos, compreensão de acontecimentos, tendo como campo empírico o arquivo de Américo Jacobina Lacombe, que foi produzido, acumulado e organizado por seu próprio titular. Esse conjunto documental reúne informações sobre a vida de Lacombe e, ao mesmo tempo, permite perceber nuances de diferentes segmentos da sociedade no período coberto pela documentação.

Este projeto concentrou-se no conjunto fotográfico do acervo de Américo Lacombe que consta de, aproximadamente, 2.200 fotografias.

Objetivo

No projeto *A fotografia no arquivo pessoal de Américo Jacobina Lacombe* temos como objetivo geral a divulgação do conjunto de documentos fotográficos do titular do arquivo, visando instituições de estudo no Brasil e no exterior, assim como pesquisadores em geral.

Metodologia

Para contextualização do projeto foram realizadas leituras pertinentes à arquivologia, específicas aos arquivos pessoais, à fotografia e à biografia do titular do arquivo. Após a fase de leitura considerou-se útil a elaboração de breve cronologia contendo os principais aspectos da vida de Américo Lacombe e o levantamento bibliográfico de e sobre o mesmo. Após essa

etapa, seguimos para higienização, acondicionamento e contabilização das unidades fotográficas.

A segunda fase do projeto concentrou-se na identificação das fotografias. Para sua realização contamos com o apoio de Francisco Masset Lacombe, filho de Américo Lacombe, que auxiliou na identificação do nome de pessoas, locais, eventos, entre outros.

Na fase atual procedemos à descrição das fotografias por meio do preenchimento de planilhas. Até o momento 1.500 planilhas foram preenchidas.

Conclusão

A imagem fotográfica pode adquirir diferentes usos e é uma das possibilidades para constituição e/ou recuperação de uma memória social. Observando que a arquivística tem se voltado para a questão da organização física e intelectual de acervos fotográficos, pensamos que a conclusão deste projeto é uma oportunidade de apresentar aos pesquisadores em geral um conjunto de documentos fotográficos visando, assim, contribuir para a história social.

Referências Bibliográficas

BELLOTTTO, Heloísa. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Como tratar coleções de fotografias*. 2. ed. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LUSTOSA, Isabel. *Lacombe, narrador*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. (Papéis avulsos, 24).

SENNA, Homero; WEHLING, Arno. *Américo Jacobina Lacombe: o servidor público, o historiador*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. (Papéis avulsos, 28).